

AGENCIAMENTO LITERÁRIO NAS REDES: NAVEGANDO NAS POÉTICAS INDÍGENAS DE GRAÇA GRAÚNA E MÁRCIA WAYNA KAMBEBA¹

Randra Kevelyn Barbosa Barros (UNEB)²

Resumo: Neste artigo pretende-se analisar como as poetisas Graça Graúna (filha do povo Potiguara) e Márcia Wayna Kambeba, da nação Omágua/Kambeba utilizam o espaço virtual para visibilizar e divulgar os seus trabalhos. Enquanto Graúna publica os seus textos com mais frequência em seu *blog* (<http://ggrauna.blogspot.com.br>), Kambeba é mais atuante na rede social *Facebook*. Esse movimento se relaciona com o conceito de *agência*, discutido por Homi Bhabha (1998), configurando-se como um processo de agenciamento literário em que Graça Graúna e Márcia Wayna Kambeba protagonizam a sua própria produção e procuram maneiras de colocar em circulação as suas obras.

Palavras-chave: Espaços virtuais; Graça Graúna; Márcia Wayna Kambeba; Poéticas indígenas.

Os povos indígenas sofrem um processo de exclusão que se iniciou com a colonização europeia e ainda persiste contemporaneamente. A sociedade ocidental construiu imagens pré-concebidas a respeito dos filhos da terra, colaborando para a disseminação de muitas ideias equivocadas. Nesse sentido, Gersem Baniwa (2006) constata o quanto é comum o pensamento de que o indígena mantém a sua essência nativa apenas se estiver vivendo no ambiente da floresta. De acordo com essa visão, a forma de viver das comunidades indígenas seria totalmente contrária aos hábitos das civilizações modernas. Observando sob esse viés, exige-se uma autenticidade do nativo, defendendo que ele – para demonstrar pertencimento à identidade indígena – precisa atender a uma representação realizada por europeus e alguns autores não indígenas, tais como cronistas e romancistas, que produzem essas imagens há mais de quinhentos anos, consolidando assim estereótipos sobre esses povos.

As representações que imperam ainda são aquelas fruto do olhar hegemônico, desconsiderando a visão dos nativos. Diante disso, podemos observar que as vozes dos povos originários, por vezes, não são ouvidas. Esse silenciamento de grupos marginalizados, marcados pelos resquícios da exploração colonial, é pautado pelos Estudos Pós-Coloniais. Nesta teoria, como explica Thomas Bonnici (2009), os críticos pontuam que historicamente o colonizado é tratado como objeto, em uma condição que o torna subalterno. Até mesmo as histórias dos subalternizados são narradas sob o ponto

¹Esta pesquisa é financiada pela FAPESB.

²Graduada em Letras (UNEB), Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB). Pesquisa orientada pela Profa. Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima. Contato: randrakevelyn@gmail.com.

de vista do colonizador, negando-lhes a possibilidade de falarem sobre si próprios. Ao mesmo tempo em que trata desse processo de objetificação, o campo da Teoria Pós-Colonial também discute o conceito de *agência*, que – nas palavras de Homi Bhabha (1998, p. 128) – designa “um processo pelo qual outros objetificados possam ser transformados em sujeitos de sua história e de sua experiência”. Isso permite que esses grupos rompam com a dominação colonial, superando o estado de objetos para recuperarem as suas autonomias.

A busca da agência se dá pela produção literária de autoria indígena. Os primeiros habitantes do Brasil se apropriam da escrita para ecoarem as suas vozes, contestando a subalternização e reivindicando o direito de escreverem a sua própria história. Contudo, esses textos, em que há uma autorrepresentação dos nativos, enfrentam mais dificuldades para serem publicados, se encontrando – muitas vezes – à margem do mercado editorial. Essa condição não é aceita passivamente. Pelo contrário, os indígenas procuram meios alternativos para fazerem circular e publicarem as suas obras. Nesse sentido, o ciberespaço se torna um aliado relevante, que permite driblar os entraves impostos pelo âmbito mercadológico editorial e propiciam uma propagação maior desses textos. Diante disso, nesse artigo, pretendemos analisar como as poetisas Graça Graúna e Márcia Wayna Kambeba utilizam o espaço virtual para difundirem os seus trabalhos, examinando também os poemas que circulam nesses suportes alternativos.


O blog como espaço de circulação da produção de Graça Graúna

Graça Graúna é o nome artístico da escritora indígena Maria das Graças Ferreira. Filha do povo Potiguara, comunidade do Nordeste brasileiro, nasceu no Rio Grande do Norte, em 1948. Ela é pesquisadora com produções científicas voltadas para a causa nativa. Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, onde leciona. A autora tem cinco livros de literatura publicados, sendo a maior parte deles dedicados ao gênero poético, a saber: *Canto mestizo* (1999), *Tessituras da terra* (2001), *Tear da palavra* (2007) e *Flor da mata* (2014).

A poeta publica textos também em seu *blog*. O seu fazer artístico denuncia a violência contra os povos originários, como se pode observar na postagem abaixo:

quarta-feira, 19 de abril de 2017

Enquanto o Pataxó dormia



Movimento em homenagem a Galdino
Foto: Lucas Salomão

Há vinte anos, cinco jovens de classe média alta atearam fogo no Pataxó Galdino; ele foi assassinado na madrugada de 20 de abril de 1997, enquanto dormia. Galdino estava em Brasília para reivindicar a demarcação do território Pataxó que foi invadido por fazendeiros na localidade de Pau Brasil, na Bahia. A foto refere-se ao monumento em homenagem a Galdino. (Foto: Lucas Salomão/G1). No poema seguinte, minha homenagem ao Pataxó Galdino:

Enquanto dormia

Um índio foi morto
numa parada de ônibus
do planalto central,
em Brasília.

Impossível esquecer
de Galdino Jesus
um guerreiro pataxó
exposto ao preconceito.

Enquanto dormia,
atearam-lhe fogo
em Brasília

Graça Graúna
Nordeste do Brasil, abril indígena, 2017.

Fonte: <<http://ggrauna.blogspot.com/2017/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

A publicação apresenta uma foto do monumento feito em homenagem à Galdino Jesus dos Santos, em Brasília, e traz um comentário da autora situando a questão antes da exposição do poema. O crime brutal contra o indígena, que ocorreu em 1997, é tema de uma homenagem poética de Graça Graúna em 2017. Sob o título “Enquanto dormia”, o texto demonstra a perplexidade da voz lírica diante de tanta crueldade. Inicialmente, afirma a situação de um indígena ter sido morto em Brasília, especificando em seguida o nome e o sobrenome do nativo. O corpo de Galdino foi incendiado enquanto o nativo dormia. E o sujeito poético ressalta que essa atrocidade não pode ser esquecida. Mesmo vinte anos depois é importante lembrar da perversidade desse assassinato. Nesse sentido, Jeanne Marie Gagnebin (2006) explica que é preciso lutar contra o esquecimento, pois a rememoração contribui para impulsionar uma atuação no presente buscando evitar a repetição das barbaridades cometidas no passado. Entretanto, outros “Galdinos” continuam sendo vítimas do preconceito, do genocídio e também do descaso do poder público, que trata as populações indígenas como se fossem invisíveis.

É interessante notar que esse texto de Graúna não foi publicado no formato impresso, sendo difundido no suporte digital. Há algumas postagens da poeta que

seguem essa linha, porém a maior parte delas são republicações de textos que já haviam sido editados em livros, como a postagem seguinte:

quarta-feira, 3 de dezembro de 2008

Brasil indígena



Utopia e cantar
uma trajetória possível:
Pindorama

Nota: em Tupi, *Pindorama* quer dizer "terra das palmeiras".
Graça Grauna. **Canto Mestizo**. Hai-kais. Maricá/RJ: 1999.

Imagem Google: abril indígena

Fonte: <<http://ggrauna.blogspot.com/2008/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

Esse texto foi publicado primeiramente em *Canto mestizo* (1999). Nessa reconfiguração, é acrescentada uma imagem ao poema, que mostra um grupo de indígenas em mobilização em Brasília, como parte das atividades do abril indígena. O poema é escrito em forma de haicai, um tipo de poema advindo do Japão e constituído por três versos. No primeiro verso, o sujeito lírico reconhece o quanto é utópico o que ele pretende “cantar”. Contudo, apesar de ser um sonho, acredita que é uma “trajetória possível”. E essa trajetória é exposta no último verso: “Pindorama”. Esse nome, de origem tupi, foi atribuído ao território brasileiro pelos primeiros habitantes do país. Isso sugere a possibilidade de apresentar um Brasil indígena, um território em que os nativos foram – em sua maior parte – exterminados, porém em que ainda resistem. E o sujeito lírico resgata esses povos, ao afirmar uma poética indígena, reerguendo a Pindorama destruída. Assim, nesse haicai, observamos o que a autora Graça Graúna toma como missão: reconstruir liricamente Pindorama.

O Facebook como possibilidade de publicação dos textos de Márcia Wayna Kambeba

Márcia Wayna Kambeba, nome artístico de Márcia Vieira da Silva, é uma poeta indígena do povo Kambeba. Essa comunidade habita a região Norte do país. Nasceu no Amazonas, em 1979. Possui mestrado em Geografia, pela Universidade Federal do

Amazonas. É também compositora, fotógrafa e locutora. Kambeba tem apenas um livro publicado, o *Ay Kakyri Tama/Eu moro na cidade* (2013). A autora precisou vender uma casa, herdada de sua avó, para poder custear as despesas do livro. Portanto, o *Ay Kakyri Tama/Eu moro na cidade* é uma publicação independente.

Diante da falta de espaço no mercado editorial, Márcia Kambeba publica a sua produção artística em sua página no *Facebook*, como observamos na postagem abaixo:



Fonte: < <https://www.facebook.com/Marcia-Wayna-Kambeba-1698566047033185/> >.
Acesso em: 26 jul. 2018.

A autora, além do poema, apresenta um registro fotográfico que ela fez e parece ser das mãos de uma indígena anciã, mostrando o trabalho manual com as ervas. O sujeito lírico, desde a primeira estrofe, ressalta a sabedoria que há nas mãos dos mais velhos, já que eles acumularam muitas vivências com o passar dos anos. Os anciãos são responsáveis por contar as histórias, chamadas no texto de “causos”; e também por plantarem o fumo que será utilizado no cachimbo. Este elemento apresenta um valor sagrado em algumas culturas indígenas, pois muitos nativos acreditam que a fumaça produzida no cachimbo contribui para combater doenças. Na última estrofe, o eu poético reforça a importância das mãos dos velhos na aldeia, que são marcadas por muita sabedoria e também tocam na sabedoria da natureza.

Kambeba acredita na união das mulheres indígenas, expondo isso em versos:

**Marcia Wayna Kambeba**

7 de janeiro de 2017 · ✨

PENSANDO EM ALGUMAS PARENTAS GUERREIRAS FIZ ESSE
TEXTO..DIGO ASSIM:

AMAZONIDAS

Somos filhas da ribanceira
Netas de velhas benzedeiros,
Deusas da mata molhada,
Temos no urucum a pele encarnada,

Lavando roupa no rio, lavadeiras,
No corpo o gigado de carimbozeiras,
Temos a força da onça pintada,

Lutamos pela aldeia amada,
Temos a sabedoria das nossas ancestrais,
Respeitamos nossa uka sagrada,
Nossa identidade não some jamais.

Mas, viver na cidade nao tira o direito de ser,
Nação, ancestralidade, sabedoria, cultura,
Somos filhas de Nhanderú, Senerú, Nhandecy
O Brasil começou bem aqui...

Não nos sentimos aculturadas,
Temos a memória acesa,
E vivemos na certeza de que nossa aldeia
Resistirá sempre ao preconceito do invasor,
Somos a voz que ecoa. Resistência? Sim senhori

texto: Marcia Wayna Kambeba

Fonte:<<https://www.facebook.com/Marcia-Wayna-Kambeba-1698566047033185/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

Nesta postagem, antes de apresentar o poema, a escritora faz referência às “parentas guerreiras”, que são outras mulheres indígenas consideradas irmãs de luta. O título do texto já remete a essa irmandade, pois mostra um neologismo que sugere a união entre mulheres da Amazônia (“Amazonidas”). As nativas são filhas de suas ancestrais, que milenarmente praticam diversos costumes das culturas originárias. A voz poética, a qual se afirma coletivamente, mostra que viver em contexto urbano não rasura a identidade indígena. Com isso, há a contestação da ideia de que os nativos, no processo de contato com elementos da cultura ocidental, perdem a sua cultura, se tornando aculturados. Nesse ponto, observamos um questionamento dos discursos dominantes e a elaboração de contradiscursos. Isso exige um revisionismo histórico, adotando a proposta de Walter Benjamin (1985, p. 223) de “escovar a história a contrapelo” e assim desvelar as narrativas que foram ocultadas nos registros oficiais.

Notamos esse movimento de maneira significativa na reverberação do último verso do poema: “somos a voz que ecoa. Resistência? Sim senhor!”. Assim, Márcia Kambeba aborda, nessa postagem, a autorrepresentação das mulheres indígenas.

As sociedades indígenas, embora tenham sofrido com a subalternização tanto social quanto literária, buscam estratégias para de fato se tornarem sujeitos dos seus próprios discursos. O exercício literário na forma escrita demonstra esse processo em que os nativos reivindicam a sua agência. Contudo, grande parte do mercado editorial parece ainda atender ao modelo hegemônico, ignorando a maioria dessas produções. Tendo em vista esse obstáculo, os escritores nativos se apropriam de meios alternativos para difundirem e publicarem as suas obras. Ilustramos isso examinando postagens no *blog* da poeta Graça Graúna e na página do *Facebook* de Márcia Wayna Kambeba.

Graça Graúna, em seu *blog*, divulga poemas que ainda não foram impressos e também reapresenta textos que já foram publicados no suporte do livro. O fato de a maior parte das postagens da poeta serem constituídas de republicação de textos dos seus livros mostra que no ciberespaço a divulgação dos poemas adquire uma dimensão maior, podendo chegar ao alcance de mais pessoas. Talvez, por isso a escritora manuseia o *blog* como um meio de circulação das suas produções. Quanto à Márcia Wayna Kambeba, observamos que para ela o *Facebook* se constitui como uma alternativa à edição impressa, já que esta tem alto custo, e por vezes, as editoras não se interessam pelos textos da literatura indígena. Diante disso, a página de Kambeba permite que ela publique as suas produções, contornando a rejeição do mercado editorial. Logo, o *Facebook* se torna uma possibilidade de publicação dos seus textos.

Dessa forma, podemos afirmar que Graça Graúna e Márcia Wayna Kambeba utilizam o ciberespaço como ferramenta para divulgação e visibilização de seus poemas, ressoando as vozes silenciadas dos filhos da terra, em um movimento que denominamos agenciamento literário nas redes.

Referências

BANIWA, Gersem. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In:_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e cultura.** Trad. Sérgio Rouanet. 7 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas 1).

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In:_. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 2. ed. Maringá: Eduem, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006.

GRAÚNA, Graça. **Brasil indígena.** Disponível em: <<http://ggrauna.blogspot.com/2008/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

GRAÚNA, Graça. **Enquanto o Pataxó dormia.** Disponível em: <<http://ggrauna.blogspot.com/2017/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Amazonidas.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/Marcia-Wayna-Kambeba-1698566047033185/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **A sabedoria das mãos.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/Marcia-Wayna-Kambeba-1698566047033185/>>. Acesso em: 26 jul. 2018.